

Viagem em ritmo de muita saudade

'O Mundo em Duas Voltas', filme sobre a família Schürmann, será exibido hoje no festival 'É Tudo Verdade'

Ana Lúcia do Vale
avale@odianet.com.br

■ Era Semana Santa e David Schürmann e sua família de navegadores tinham chegado a Cebu, nas Filipinas. David, que registrava a viagem (de 1997 a 2000), para fazer o documentário 'O Mundo em Duas Voltas', achou que seria mais uma das muitas cerimônias religiosas que já havia visto. "Só que crucificaram o homem de verdade: pregos nas mãos e coroa de espinhos. A religião deixou feridas por lá", acredita.

A cena entrou no documentário, em que a família

Schürmann (pronuncia-se xirman) refez a rota do navegador Fernão de Magalhães, viajando por mais de 30 países, quatro continentes e três oceanos. 'O Mundo em Duas Voltas', que estréia dia 27 de abril, será exibido hoje, às 17h30, no Odeon BR, fora da competição do festival 'É Tudo Verdade'. Na expedição gastaram 4 milhões de dólares; com o filme foram R\$ 2,5 milhões. Algumas cenas foram exibidas no 'Fantástico', da Globo, enquanto estavam no mar, e o que sobrou das 80 horas de filmagem pode virar um seriado.

David, 36 anos, conta que



Kathy, Heloísa e Vilfredo Schürmann no veleiro: quase três anos no mar registrados em 'O Mundo em Duas Voltas'

tentou mostrar não só o pitoresco dos lugares, mas também a emoção das sete pessoas confinadas num veleiro de 44 m² (tipo um apartamento de quarto-e-sala). "No barco todo mundo faz de tudo, cozinha, lava banheiro, não tem luxo", ri.

Acostumados à vida no mar, às vezes são surpreendidos. No Mar Sul da China, fugiram de um ataque pirata. "Vimos com o binóculo de visão noturna que um barco com 10 homens estava chegando. Meu pai (Vilfredo) soltou o barco e saímos da baía devagar. Quando perceberam, atiraram para o alto.

Foi barra pesada".

Difícil também rever imagens de Kathy, soropositiva que perdeu os pais neozelandeses para a Aids e foi adotada pelos Schürmann aos 3 anos. Até 2006, quando morreu com 13, foi a todas as expedições. "Ela era uma alma evoluída, tinha brilho único. Sempre foi uma batalha por causa do HIV, mas ela nunca se abateu. Ano passado, contraiu pneumonia e morreu em quatro dias. O filme é dedicado a ela", lamenta David. Mas ele se refaz e avisa: os Schürmann não vão ficar em terra. Em 2008, zarpam para novas aventuras. ■

APRENDIZADO))) FALTA DO MAR

■ Quando a família catariense partiu para sua primeira grande viagem, em 1984, que durou 10 anos, David Schürmann tinha justamente 10. Eram outros tempos, em que os três irmãos — antes da chegada da pequena Kathy — estudavam por correspondência, monitorados pela mãe que é professora, e sem as facilidades geradas pela Internet ou pelo telefone via satélite.

Aos 16 anos, incentiva-

do pelo irmão mais velho, Pierre, que já tinha ficado nos Estados Unidos, largou o barco e ficou na Nova Zelândia, para estudar Cinema. O primeiro ano em terra foi de liberdade. "Mas no segundo ano, em que a novidade acabou, vi que minha vida no mar era maravilhosa e sem rotina", conta ele, que atualmente mora em São Paulo, por causa do documentário, e diz que sofre por estar longe do mar.